

EUA cancelam garantia dada a empréstimo argentino

EDGARDO COSTA REIS
Correspondente

WASHINGTON — O Departamento do Tesouro cancelou ontem o aval dado a um empréstimo de US\$ 300 milhões concedido à Argentina, a 30 de março, por quatro países latino-americanos, inclusive o Brasil. Mas deixou aberta a possibilidade de reconsiderar a decisão, caso o governo argentino chegue a um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). O aval, que já havia sido prorrogado duas vezes — a 28 de abril e 31 de maio — expirou ontem à meia-noite.

O comunicado do Tesouro, de três parágrafos, assinala que "embora o governo norte-americano lamenta que a Argentina tenha sido incapaz de chegar a um acordo com o FMI durante o período previamente estabelecido, foram feitos progressos na direção de uma solução para questões pendentes e continuam as negociações sobre um programa econômico argentino que o FMI possa aprovar".

Brasil, Colômbia, México e Venezuela — os dois primeiros com US\$ 50 milhões cada e os últimos com US\$ 100 milhões cada — concederam um empréstimo de emergência de US\$ 300 milhões à Argentina. Este crédito fez parte de uma operação de salvamento num total de US\$ 500

milhões, que incluiu ainda US\$ 100 milhões dos bancos privados e US\$ 100 milhões da própria Argentina. O dinheiro foi usado para cobrir juros que completavam 90 dias de atraso a 30 de março, evitando que o país fosse declarado inadimplente. O Tesouro americano avalizou o empréstimo sul-americano, com a condição de que Buenos Aires chegasse a um acordo com o FMI.

Com a decisão argentina de desafiar o Fundo, enviando uma Carta de Intenções unilateral, que rejeita as receitas recessivas da instituição, o acordo ficou mais difícil. O governo americano destacou, entretanto, que estudará novo aval à Argentina quando o país chegar a um entendimento com o FMI.

O comunicado foi interpretado nos círculos bancários — onde aumenta a apreensão de que os argentinos não paguem outros US\$ 500 milhões em juros que vencem no fim do mês, como uma maneira que Washington encontrou de pressionar a Argentina, sem romper as negociações com os bancos comerciais e o FMI.

Alguns banqueiros disseram que a mensagem do Tesouro foi "uma reafirmação da estratégia de 'recompensa' que se aplica agora aos endividados".

— Se forem bonzinhos (os argentinos), terão ajuda do Tesouro e melhores condições dos bancos — disse um banqueiro.



Guerreiro discursa ouvido por Ary Waddington, Roberto Campos e Walther Moreira Salles

O GLOBO

“Estou relativamente confiante na reunião de Cartagena. Lá poderemos criar um quadro mais favorável para a negociação da dívida externa de cada país”

SARAIVA GUERREIRO, Ministro das Relações Exteriores

”